Dia 17 — São Roque, Confessor

São Roque, tão célebre em toda a Europa cristã por sua grande santidade e por sua poderosa proteção contra o açoite da peste, foi natural do Languedoc e de uma família distinta, não menos por sua nobreza que por seus opulentos bens e por seus cargos. Nasceu em Montpellier pelos anos de 1284. Seu pai chamou-se João e, embora alguns tenham crido que era senhor da mesma cidade, não foi senão um governador pelos reis de Maiorca, da real casa de Aragão, a quem pertencia então a cidade de Montpellier e seu território, que possuíam em feudo da coroa da França. Desde que Roque nasceu, foi recebido e considerado como especial dom do céu e como fruto das orações de seus pais, que, não tendo tido filhos e achando-se em avançada idade, recorreram à Virgem, de quem eram singularmente devotos, e lhe suplicaram com fervorosos rogos que lhes alcançasse de Deus um herdeiro que usasse bem de seus bens e se dedicasse de todo a seu serviço. Foram ouvidos seus desejos, e nosso santo foi filho de suas orações, observando-se que nasceu com uma pequena cruz de cor vermelha, como que gravada sobre o peito. Todas estas circunstâncias o fizeram mais amado de seus pais; e sua mãe, por nome Libéria, uma das senhoras mais virtuosas de seu tempo, teve-as por presságio da futura santidade de seu filho; piedosa prevenção, que a empenhou em dedicar-se com maior cuidado à sua educação, aplicando-se inteiramente a inspirar-lhe desde o berço a verdadeira piedade e uma terna devoção à Santíssima Virgem. Depressa reconheceu a virtuosa senhora que a graça se havia adiantado a seus piedosos desejos, prevenindo o menino com suas mais doces bênçãos ainda antes que a idade lhe permitisse aproveitar-se das lições de sua mãe. Notou-se, sendo ainda de peito, que às quartas e aos sábados só tomava o seio uma só vez ao dia; e este jejum observou-o depois toda a vida.

A devoção que mostrou à Santíssima Virgem foi também como um milagroso efeito da predileção com que já o olhava a Mãe de Deus. Bastava mostrar-lhe uma imagem sua para aquietá-lo e alegrá-lo; e assim toda a vida foi um de seus mais favorecidos e um de seus mais fiéis e zelosos servos. Com um coração como que nascido para a piedade e com umas inclinações naturalmente propensas à virtude, passou os primeiros anos com uma inocência verdadeiramente extraordinária. Tendo perdido aos vinte anos seu pai e sua mãe, achou-se dono absoluto de um opulentíssimo patrimônio; mas todas as suas ânsias eram por outra herança ainda mais preciosa. Considerando aquela perfeita nudez e desprendimento que o Salvador pede tão expressamente a todos os seus discípulos e de que todos os santos nos deixaram tão assombrosos exemplos, tomou a resolução de imitá-los. Distribuiu com o maior segredo que lhe foi possível entre os pobres tudo o que pôde recolher de suas rendas; e, como a idade não lhe permitia dispor nem alienar os bens de raiz, deixou a administração a um tio seu, irmão de seu pai; e, disfarçado de peregrino, fugiu secretamente de sua pátria e tomou o caminho de Roma.

Tendo escolhido o estado de pobre, foi-lhe preciso fazer a viagem mendigando. Tanto pela delicadeza de sua idade como pela de sua complexão, teve bem em que exercitar sua mortificação e sua paciência; mas em todas as provas o sustentou seu aceso amor de Deus. Quando chegou a Acquapendente, cidade da Toscana pertencente aos Estados da Igreja, soube e viu o estrago que fazia nela a peste, enchendo de luto todas as casas. Movido de um ardente desejo de assistir os empestados e de sacrificar sua vida naquele exercício heroico de caridade, foi oferecer-se ao administrador do hospital para assistir aos enfermos. Assombrado o administrador de caridade tão generosa, e vendo-o tão jovem e tão delicado, louvou muito seu zelo; mas não lhe pareceu prudência permitir-lhe que se expusesse ao contágio. Replicou o santo que a graça supriria as forças que lhe faltavam; que a caridade era própria de todas as idades e de todas as condições; e que ele se teria por muito ditoso se aos vinte e um anos de sua idade merecesse dar a vida por amor daquele Senhor que por ele havia dado primeiro a sua à idade de trinta e três anos. Ficou novamente pasmado o administrador ao ouvir umas razões tão cristãs como generosas e deu-lhe permissão para que assistisse aos enfermos. Abençoou Deus aquela heroica caridade. Logo que Roque andou com os empestados, cessou a peste na cidade. Soube que ela fazia horrorosos estragos em Cesena, cidade da Romanha, e voou para lá. Sucedeu em Cesena o mesmo que em Acquapendente; admirou-se sua ardente caridade tanto em um povo como em outro, e bastou sua só presença para dissipar a peste; parece que esta ia fugindo de São Roque. Repetia-se a mesma maravilha em todos os povoados por onde passava. Cada qual queria ter em sua casa o peregrino, e até correu a voz de que era um anjo em figura de tal.

Quando soube que Roma estava também tocada da peste, renovou-se-lhe o desejo que havia tido, ao sair de Montpellier, de ir àquela santa cidade. Entrou nela quando o papa Bento XI estava para partir a Perúgia. Consolou aquela aflita cidade a chegada do peregrino, de cuja maravilhosa caridade contava tantos prodígios a fama. Quis vê-lo o cardeal Britônico, um dos mais santos prelados de seu tempo. Ouviu-o de confissão, deu-lhe a comunhão e descobriu nele aquele grande fundo de virtude que era a origem de tantas maravilhas. Suplicou-lhe que empregasse seu valimento junto ao Senhor para que livrasse a cidade de tão terrível açoite. Fez oração São Roque; e, conhecendo que Deus a havia ouvido, convidou o cardeal a que o acompanhasse em render-lhe humildes graças. O fato acreditou mais a virtude de nosso santo, provando a eficácia de suas orações. Quis o cardeal que o santo beijasse o pé a Sua Santidade. Prostrado Roque aos pés do vigário de Cristo, pediu-lhe sua bênção e a absolvição de seus pecados. «Tu, filho meu (respondeu o papa, à vista de um milagroso resplendor que rodeou o corpo do santo), não necessitas de nossa absolvição; nós sim é que temos necessidade de tuas orações.» Perguntou-lhe depois de onde era e qual era sua família; a isto emudeceu Roque, e o papa não quis apurá-lo mais. Quase três anos se deteve em Roma nosso santo, empregando-se nos exercícios de caridade a que se havia dedicado; e, tendo cumprido com sua devoção, saiu de Roma e voltou àquelas mesmas partes da Itália onde já havia estado, continuando em servir os enfermos e em livrar da peste os lugares por onde transitava.

Tendo passado alguns anos em diferentes cidades da Lombardia, ocupado sempre nestas heroicas obras de caridade, teve notícia de que a cidade de Placência estava afligida de epidemia, peste popular causada pela corrupção do ar de que ninguém se pode libertar. Logo passou lá e encerrou-se no hospital, curando por sua mão as chagas dos enfermos, segundo seu costume. Mas Deus, para provar e purificar mais sua virtude, permitiu que, depois de ter padecido tanto pelos outros,

se visse ele mesmo atacado do próprio mal e com necessidade de que outros o assistissem.

Ficou profundamente adormecido uma noite, abatido de fadiga e de sono. Despertou e sentiu-se apoderado de uma ardentíssima febre, com uma dor na perna esquerda tão violenta e tão aguda que o obrigava a prorromper em lastimosos gritos. Recebeu este mal como favor de Deus muito especial e não cessava de mostrar-lhe seu agradecimento. A violência do mal não lhe estorvava a tranquilidade interior; mas a vivacidade das dores obrigava-o a dar gritos, que podiam incomodar os outros enfermos do hospital. Movido de caridade para com eles, não parou até que se fez lançar fora dele. Afligia a todos vê-lo estendido por terra e exposto às injúrias do ar; instavam com ele para que se deixasse levar a uma cama; mas foi invencível a delicadeza de sua caridade. Temerosos de que infeccionasse a rua onde estava estendido, viram-se obrigados os vizinhos a fazê-lo sair para fora da cidade. Gozoso o santo de ver-se lançado daquela maneira, sustentado de um pau foi-se arrastando com grande trabalho até a entrada de um bosque, onde encontrou uma pobre e estreita choça. O mesmo gozo que tinha de ver-se arrojado dos povoados, oprimido de dores, destituído de todo humano consolo e naquela triste solidão, tornava-lhe muito deliciosa a incomodidade da estada. Mas tomou Deus a seu cargo o cuidado de seu servo. Perto da mesma cabana fez brotar um manancial de água clara e cristalina, que dura ainda hoje, dando-lhe o mesmo Senhor uma maravilhosa virtude para preservar da peste. Bebeu dela e, lavando sua chaga com a mesma água, sentiu-se muito aliviado. Faltava-lhe ainda o que comer, mas Deus proveu.

A duzentos ou trezentos passos do bosque havia um castelo de um cavaleiro de Placência chamado Gotardo, onde se havia retirado com sua família enquanto durava a peste. Estando um dia à mesa, um de seus cães tomou um pão na boca e escapou com ele. Por então não se fez muito caso deste roubo; mas no dia seguinte, estando também sentado à mesa, repetiu o cão a mesma diligência e saiu correndo. Creu Gotardo que isto dependia de que matavam de fome o pobre animal e repreendeu asperamente o criado que cuidava dos cães. Por mais que este protestasse que nada faltava a esses animais, não foi crido. Mas, como o cão pela terceira vez furtasse o pão da mesa e escapasse com ele, foram-no seguindo e viram que entrou na choça, que estendeu o pão ao santo e que, depois de o ter afagado com a cauda, se retirou. Informado Gotardo de um fato tão singular, foi ver o servo de Deus; e, enamorado de sua mansidão, de sua humildade, de sua paciência e daquele ar de santidade que resplandece sempre nos santos, perguntou-lhe quem era e por que estava retirado naquela choça. Respondeu-lhe o santo que porque estava tocado da peste e que por isso mesmo lhe suplicava a ele que também se retirasse. Obedeceu o cavaleiro; mas, logo que voltou a sua casa, repreendendo-se a si mesmo sua pusilanimidade e covardia, retrocedeu aonde estava o enfermo e declarou-lhe que vinha resolvido a não abandoná-lo. «Foste ditoso (respondeu-lhe o santo) em ter obedecido tão prontamente à divina inspiração. Deus te chama à solidão e quer que o deixes tudo para servir só a ele.» Recebeu Gotardo este oráculo como se fosse do céu; e, sentindo-se inteiramente mudado, perguntou a Roque o que devia fazer. «Quer Deus (respondeu o santo) que te vistas de peregrino como eu; e, para romper desde logo e para sempre com o mundo, a quem serviste demais até aqui, que neste mesmo traje vás pedir esmola por toda a cidade de Placência.» Era forte a prova; mas Gotardo sujeitou-se a ela e, depois de ter sofrido a gritaria dos meninos, as zombarias, os escárnios e as repreensões dos nobres, farto de opróbrios a contento, voltou à choça em busca de seu jovem diretor. A tão generosa ação, feita só por agradar a Deus, seguiu-se imediatamente o prêmio. Transformado em outro homem o novo ermitão, renunciou a todos os cargos e a todas as

comodidades que possuía e consagrou-se ao serviço só de Deus, passando o resto de seus dias na solidão. Entretanto, nosso Roque, acompanhado do novo solitário, voltou a Placência; e, tendo feito o sinal da cruz em todas as ruas e no hospital, no mesmo ponto ficaram sãos todos os enfermos que estavam tocados da peste e toda a cidade livre daquele terrível açoite. À vista de tão estupendo prodígio, todos gritaram milagre e, concorrendo em tropel ao santo, vieram acompanhando-o até sua choça. No caminho ouviu uma voz que lhe dizia: «Roque, já estás são; volta a teu país, onde darás novas provas de tua paciência.»

Ouviu esta mesma voz um homem de grande virtude que ia entre a multidão e, atropelando por ela, foi lançar-se aos pés do santo, chamando-o por seu nome e encomendando-se a suas orações. Ficou Roque surpreendido vendo-se chamar por seu nome, que jamais havia descoberto a pessoa alguma, e prometeu àquele bom homem que, tanto ele como sua família e todo aquele país, ficariam de agora em diante preservados da peste, contanto que a ninguém revelasse o que havia ouvido até que tivesse notícia de sua morte.

Depois que nosso santo recobrou tão milagrosamente sua saúde, tendo instruído e fortificado suficientemente seu hóspede em sua generosa empresa, tomou a volta da França em hábito de peregrino, pedindo sempre esmola. Estava tão extenuado e tão desfigurado que, tendo chegado a um lugar de seu antigo domínio, ninguém o conheceu; e, como então tudo estava cheio de hostilidades e de suspeitas, por causa das guerras, foi tido por espião e como tal foi conduzido ao governador de Montpellier, que não era menos que seu próprio tio, o qual havia sucedido no governo a seu irmão, pai de nosso santo. Como Roque persistisse em não descobrir quem era, também o tomou por espião o governador e, depois de muito maltratá-lo, condenou-o a cárcere perpétuo.

Não se pode explicar a consolação espiritual e a alegria interior de nosso santo quando se viu encerrado num escuro calabouço e tratado com tanto menosprezo em seu próprio país e por seu próprio tio. Consolavam-no maravilhosamente aquelas palavras do Evangelho em que se diz de Jesus Cristo que, tendo voltado à sua pátria, os seus não o receberam: *Et sui eum non receperunt.* Todas as suas conversações eram com Deus, passando em oração os dias e as noites. Como se a escuridão e a fedentina de um calabouço estreito e cheio de bichos não bastassem para exercitar sua paciência, acrescentava novas mortificações ao rigor de seu lastimoso estado. Sua comida era só pão e água, e esta com medida. O desejo de padecer mais e mais por Jesus Cristo era sempre engenhoso, sugerindo-lhe cada dia novas indústrias para macerar sua carne, e era sua vida um continuado martírio.

Cinco anos passou São Roque nestes cruéis abatimentos, sem que houvesse pessoa humana que lhe solicitasse algum alívio. Só Deus e a Santíssima Virgem, por cujo amor e a cuja imitação padecia, eram toda a sua consolação. O carcereiro, admirado de sua afabilidade, de sua mortificação e de sua paciência, contentava-se com dizer que aquele preso era de espécie distinta dos outros homens. Mas, querendo o Senhor premiar enfim seu servo, revelou-lhe o dia e a hora de sua morte, e o santo pediu que lhe chamassem um sacerdote. Entrando este no calabouço, ao qual por parte alguma entrava luz alguma, ficou admirado vendo-o rodeado de um celestial resplendor; mas muito mais assombrado ficou quando viu que o corpo daquele preso despedia de si muitos raios de glória; mas, depois que o ouviu de confissão e lhe deu a comunhão, depôs toda dúvida e

conheceu a eminente santidade daquele homem extraordinário. Logo que saiu do cárcere, foi direito e apressado à casa do governador e, referindo-lhe o que havia visto, declarou-lhe que tinha no calabouço um tesouro escondido aos olhos dos homens. Desprezou o governador a relação, tratando-a de sonho; mas, espalhada a voz por toda a cidade de que havia um santo no cárcere, num instante achou-se este rodeado de todo o povo. Desceu o carcereiro ao calabouço e logo notou a extraordinária luz que saía pelas frestas da porta. Abre-a e encontra o santo estendido na terra, que acabava de entregar a alma a seu Criador e tinha à cabeceira uma lâmpada acesa e ao lado uma tabuinha em que estavam escritas estas palavras: «Os que, tocados da peste, invocarem a meu servo Roque, livrar-se-ão por sua intercessão desta cruel enfermidade.»

Deram conta ao governador desta maravilha; ficou aturdido e, referindo-a a sua mãe, avó de nosso santo, que ainda vivia, respondeu aquela senhora que, se aquele era seu neto, reconhecê-lo-ia seguramente por uma cruz vermelha que teria no peito, por ter nascido com ela. Verificou-se logo este sinal, e é fácil compreender quais seriam os afetos de dor, de admiração e de gozo em toda a cidade. Expôs-se o santo corpo à veneração pública numa rica cama, debaixo de um magnífico dossel; e o governador, que estava inconsolável pela inocente dureza com que havia tratado seu sobrinho, fez-lhe suntuosos funerais. Todos queriam lograr a consolação de beijar-lhe os pés e regá-los com suas lágrimas. Foi conduzido o santo cadáver como em triunfo por toda a cidade, acompanhado do clero, da nobreza e do povo, e deu-se-lhe sepultura na igreja principal, que ainda não era catedral, porque a sé episcopal se mantinha ainda em Maguelone, de onde não se transferiu a Montpellier até o ano de 1533. Pouco depois seu mesmo tio mandou erigir uma magnífica em honra de seu santo sobrinho, para a qual foram trasladadas suas relíquias. Morreu nosso santo pelos anos de 1319, aos trinta e quatro de sua idade.

Poucos santos começaram a ter culto tão depressa como nosso Roque. Desde o mesmo dia de seu enterro começou a devoção particular a sua sepultura.

É verdade que muito desde logo começou Deus a manifestar a glória e o valimento de seu servo com multidão prodigiosa de milagres, particularmente com aqueles que em tempo de peste imploravam sua poderosa proteção. Por esta experiência, a maior parte das cidades e dos povoados o escolheram por um de seus padroeiros, votando guardar como festivo o dia de sua morte, que foi o 16 de agosto. Entre outras inumeráveis cidades que o tomaram por padroeiro foi uma a cidade de Veneza; e, em atenção a isto, alguns aventureiros venezianos, com certa espécie de piedosa conspiração, tiveram modo de tirar furtivamente de Montpellier uma parte de suas relíquias; a outra foi trasladada pelo marechal de Boucicaut à igreja dos padres Trinitários de Arles, e daqui se distribuíram amplamente estas mesmas relíquias em muitas cidades do reino.

Martirológio Romano

A oitava de São Lourenço, mártir.

Em Cartago, na África, São Liberato, abade; São Bonifácio, diácono; São Servo e São Rústico, subdiáconos; São Rogato e São Sétimo, monges, e o menino São Máximo, todos mártires; os quais,

na perseguição dos vândalos sob o rei Hunerico, foram atormentados com diferentes e inauditos suplícios em defesa da fé católica e da unidade do batismo. Por fim, tendo sido cravados em uns troncos que deviam alimentar a fogueira preparada, como sempre se apagava o fogo por mais que o atiçassem, foram, por ordem do rei, mortos a remadas sobre a cabeça; em cujos tormentos consumaram felizmente seu edificante combate, coroado pelo Senhor.

Em Cesareia, na Capadócia, a festa de Mamés, mártir, que, desde a infância até a velhice, padeceu um prolongado martírio, consumando-o com felicidade no tempo do imperador Aureliano, sob o presidente Alexandre. Dois padres, São Basílio e São Gregório Nazianzeno, o cumularam de elogios.

Na Acaia, São Mirão, presbítero e mártir, que, sob o imperador Décio e o presidente Antípatro, foi decapitado em Cízico.

Em Nicomédia, São Estratão, São Filipe e São Eutiquiano, mártires, que, condenados às feras, que os respeitaram, consumaram seu martírio no fogo.

Em Ptolemaida, na Palestina, São Paulo e Santa Juliana, sua irmã, que padeceram sob Valeriano.

Em Terni, Santo Anastácio, bispo e confessor.

Em Viena do Delfinado, o venerável Carlomano, filho de Carlos Martel, monge de Montecassino.

Entre Chelles e Gournay, diocese de Paris, o martírio do venerável Tomás de São Vítor.

Em Huy, no país de Liège, o trânsito do venerável Teodoro de Celles, fundador da Ordem de Santa Cruz.

Em Alexandria, São Órion e São Emelo, mártires.

No dito dia, Santo Agnato, mártir.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Omnipotens sempiterne Deus, qui meritis et precibus beatissimi Rochi, confessoris tui, quamdam pestem hominum generalem gratiose revocasti: præsta supplicibus tuis, ut qui pro simili peste revocanda ad tuam confugiunt fiduciam, ipsius gloriosi confessoris precamine, ab ipsa infirmitate, et ab omni perturbatione liberemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Deus onipotente e sempiterno, que pelos méritos e pela intercessão do bem-aventurado Roque, vosso confessor, fizestes cessar uma peste geral que desolava todo o gênero humano, dignai-vos conceder a nossos rogos que todos aqueles que, cheios de confiança em vossa misericórdia, vos suplicarem sejam preservados de semelhante açoite e livres, pela intercessão de vosso glorioso confessor, tanto desta enfermidade como de tudo o que possa turbar sua quietude. Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 4 do livro da Sabedoria.

Sabedoria 4,7-14

> **Latim:** 7 Justus autem si morte præoccupatus fuerit, in refrigerio erit ; 8 senectus enim venerabilis est non diuturna, neque annorum numero computata : cani autem sunt sensus hominis, 9 et ætas senectutis vita immaculata. 10 Placens Deo factus est dilectus, et vivens inter peccatores translatus est. 11 Raptus est, ne malitia mutaret intellectum ejus, aut ne fictio deciperet animam illius. 12 Fascinatio enim nugacitatis obscurat bona, et inconstantia concupiscentiæ transvertit sensum sine malitia. 13 Consummatus in brevi, explevit tempora multa ; 14 placita enim erat Deo anima illius : propter hoc properavit educere illum de medio iniquitatum. Populi autem videntes, et non intelligentes, nec ponentes in præcordiis talia,

Português: 7 Mas o justo, ainda que seja acometido pela morte repentina, estará em descanso. 8 Porque a velhice venerável não é a diurna, nem a computada pelo número dos anos: Pois as cãs do homem são os seus sentimentos, 9 e a idade da velhice é a vida imaculada. 10 Tendo-se feito agradável a Deus, foi por êle amado, e vivendo entre os pecadores foi trasladado. 11 Foi arrebatado para que a malícia lhe não mudasse o entendimento, ou para que não seduzisse a sua alma o aparente. 12 Porque o feitiço das inépcias escurece o bem: E a inconstância da concupiscência transtorna o sentido sem malícia. 13 Tendo vivido pouco, encheu a carreira duma larga vida: 14 Porque a sua alma era agradável a Deus: Por isso êle se apressou a tirá-lo do meio das iniquidades: Mas os povos estão vendo isto, e não entendem, nem depositam nos seus corações coisas tais, como estas:

Nota

«Entre todos os livros da sagrada Escritura a que a Igreja dá o nome de livros da Sabedoria, o original, ou o que própria ou primitivamente tem este título, é aquele de onde se tirou esta epístola. Escreveu-o em hebraico o próprio Salomão, que nele se manifesta tão claramente como em qualquer dos outros livros seus; depois foi traduzido em grego pelos Setenta. Nem se deve estranhar que já não se encontre em hebraico este livro. Quantas obras há traduzidas cujos originais já não se acham!»

Reflexões

Ainda que o justo morra de morte antecipada, achar-se-á em repouso. A experiência ensina frequentemente que os justos são retirados deste mundo no mais florido de sua idade. Muitas vezes é efeito da bondade de Deus, que os quer tirar dos males ou perigos desta vida. Mas, de qualquer modo e em qualquer tempo que ponha fim à sua carreira, não se deve reputar sua morte por desgraça, visto que Deus o coloca num lugar de paz e de sossego. Livra-o de um lugar de desterro, de uma região de prantos, de uma estada triste e tumultuosa em que as tempestades são tão frequentes e os escolhos tão multiplicados e tão comuns os naufrágios. Só por uma espécie de encanto se pode viver com gosto num país onde tudo nos é contrário; numa terra que só leva abrolhos e espinhos, onde os mais ditosos são aqueles que melhor possuem a arte de atordoar-se e, por assim dizer, de adormecer e confundir seus desassossegos e seus pesares entre o ruído e o estrondo. O nascimento ilustre, a fortuna brilhante, os cargos sobressalentes, as prosperidades enganosas, tudo isto pode embriagar-nos; mas nada disto é capaz de fazer-nos verdadeiramente ditosos e felizes. Todas essas plantas só produzem umas flores pela manhã muito viçosas, que em breves horas murcham; e, se dão algum fruto, quão raro é o que não seja muito amargo e de pouca duração! Basta uma febre, uma dor, um catarro, um revés de fortuna, um acidente, para transtornar tudo, para arruinar tudo e para desvanecer tudo. Que idade, que saúde, que condição há isenta destes fatais acidentes? Esta é a qualidade, este é o mérito da terra que pisamos. Meu Deus, de quantos males nos livra a morte dos justos! E, se nós o fôssemos, isto é, se fôssemos verdadeiramente santos, que objeto tão lisonjeiro e tão gozoso seria também para nós! O mais perfeito modelo de uma morte preciosa foi a da Santíssima Virgem. Não só morreu na caridade, que isso é comum a todos os santos; não só pela caridade, que isso é próprio dos mártires, de quem é rainha, mas às mãos da própria caridade e do puro amor de Deus. A morte dos santos é preciosa pelo mérito de sua vida e de sua inocência, em que consiste todo o seu preço e toda a sua estimação. Pois que vida mais pura, mais cheia de merecimentos, que a da Santíssima Virgem? Não consiste a felicidade da morte em morrer entre a pompa e o fausto, mas em morrer na graça de Deus; não entre abundância de bens, mas com multidão de virtudes, que são os verdadeiros tesouros; não rodeado de criados, mas cercado de anjos. Tal foi a morte da Santíssima Virgem. Cheia de graça desde o primeiro instante de sua aurora, que tesouros não aumentaria no último momento de seu brilhante dia? Em nenhum de sua vida deixou de multiplicar e dobrar os infinitos tesouros de seus merecimentos; pois quão preciosa seria sua santíssima morte!

Evangelho

O evangelho é dos capítulos 9 e 10 de São Mateus.

Mateus 9,35-38; 10,7-16

> **Latim:** 35 Et circuibat Jesus omnes civitates, et castella, docens in synagogis eorum, et prædicans Evangelium regni, et curans omnem languorem, et omnem infirmitatem. 36 Videns autem turbas, misertus est eis : quia erant vexati, et jacentes sicut oves non habentes pastorem. 37 Tunc dicit discipulis suis : Messis quidem multa, operarii autem pauci. 38 Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam. 7 Euntes autem prædicate, dicentes : Quia appropinquavit regnum cælorum. 8 Infirmos curate, mortuos suscitate, leprosos mundate, dæmones ejicite : gratis accepistis, gratis date. 9 Nolite possidere aurum, neque argentum, neque pecuniam in zonis vestris : 10 non peram in via, neque duas tunicas, neque calceamenta, neque virgam : dignus enim est operarius cibo suo. 11 In quamcumque autem civitatem aut castellum intraveritis, interrogate, quis in ea dignus sit : et ibi manete donec exeatis. 12 Intrantes autem in domum, salutate eam, dicentes : Pax huic domui. 13 Et siquidem fuerit domus illa digna, veniet pax vestra super eam : si autem non fuerit digna, pax vestra revertetur ad vos. 14 Et quicumque non receperit vos, neque audierit sermones vestros : exeuntes foras de domo, vel civitate, excutite pulverem de pedibus vestris. 15 Amen dico vobis : Tolerabilius erit terræ Sodomorum et Gomorrhæorum in die judicii, quam illi civitati. 16 Ecce ego mitto vos sicut oves in medio luporum. Estote ergo prudentes sicut serpentes, et simplices sicut columbæ.

Português: 35 Entretanto hia Jesus dando volta por todas as cidades, e aldeias, ensinando nas synagogas d’elles, e prégando o evangelho do reino, e curando toda a doença, e toda a enfermidade. 36 E olhando para aquellas gentes, se compadeceu d’ellas: porque estavão fatigadas, e quebrantadas como ovelhas que não tem pastor. 37 Então disse a seus discípulos: A seara verdadeiramente he grande, mas os obreiros poucos. 38 Rogai pois ao Senhor da seara, que envie obreiros á sua seara. 7 E pondo-vos a caminho prégai, dizendo: Que está proximo o reino dos cceos. 8 Curai os enfermos, resuscitai os mortos, alimpai os leprosos, expelli os demonios: dai de graça, o que de graça recebestes. 9 Não possuais ouro, nem prata, nem tragais dinheiro nas vossas cintas: 10 nem alforje para o caminho, nem duas tunicas, nem calçado, nem bordão: porque digno he o trabalhador do seu alimento. 11 E em qualquer cidade, ou aldeia, em que entrardes, informai-vos de quem ha nella digno: e ficai ahi até que vos retireis. 12 E ao entrardes na casa, saudai-a, dizendo: Paz seja nesta casa. 13 E se aquella casa na realidade o merecer, virá sobr’ella a vossa paz: e se o não merecer, tornará para vós a vossa paz. 14 Sucedendo não vos querer alguém em casa, nem ouvir o que dizeis: ao sahir para fóra de casa, ou da cidade, sacudi o pó de vossos pés.

15 Em verdade vos afirmo isto: Menos rigor experimentará no dia do juízo a terra de Sodoma, e de Gomorra, do que aquella cidade. 16 Vede que eu vos mando como ovelhas no meio de lobos. Sede logo prudentes como as serpentes, e simples como as pombas.

Meditação

Que a verdadeira devoção à Santíssima Virgem é sinal de predestinação

Primeiro ponto

Considera que não há na vida desejo mais justo, nem esperança de maior consolação, que o desejo e a esperança de ser do número dos escolhidos de Deus. Todos esses belos assomos de fortuna, todas essas risonhas e floridas entradas às honras e às comodidades do mundo bem poderão lisonjear um jovem coração; mas nunca poderão satisfazê-lo nem enchê-lo. Esta eternidade, esta eternidade vem sempre turbar, atemorizar o tempo. Bem pode alguém estar contente com o que tem e com o que é; mas sempre o terá inquieto, e com razão, o pensamento do que será. É grande, é poderoso, sobram-lhe comodidades, está rico; mas é muito curta a duração desta superficial, desta imaginária felicidade. Uns poucos dias, que a cada momento se vão diminuindo, nos fazem justamente temer aquela eternidade que se há de seguir a eles; e quem sabe qual será essa espantosa eternidade? Serei eu do número dos predestinados? Estarei contado entre o dos réprobos? Isto é o que não sei, e isto é o que me espanta. Prosperidades e desgraças, riquezas e pobreza: a tudo isto pode seguir-se uma desditosa, uma infeliz eternidade. Oh, que ditosos seríamos, que consolados viveríamos, se pudéssemos lograr um presságio seguro de uma eternidade feliz! Pois eu te darei um pouco duvidoso: tem uma devoção verdadeira, uma devoção terna, uma devoção constante à Santíssima Virgem, e estarás seguro sobre tua futura sorte, sobre teu eterno destino. Não alcançarás sinal mais seguro de tua salvação que esta verdadeira devoção. Santo Agostinho chama à Santíssima Virgem única esperança dos pecadores: *Spes unica peccatorum.* Suplica-lhe que lhe consiga todos os auxílios necessários para salvar-se e protesta que por ela espera o perdão de seus pecados e o prêmio de suas boas obras (Serm. 18 *de Sanct.*): *Per te speramus veniam delictorum, et in te, beatissima, nostrorum est exspectatio præmiorum.* «Toda a graça da salvação, diz Santo Tomás, será em Maria, porque recebeu a plenitude dela e é como o canal por onde se deriva a nós»: *In me omnis gratia vitæ.* Toda a esperança da vida está em Maria, porque a conseguimos por sua poderosa intercessão. Por isso diz ela mesma: «Em mim está toda a esperança da vida e da virtude»: *Et ideo dicit ipsa: in me omnis spes vitæ et virtutis.* Pois agora, em favor de quem empregará seu valimento esta Mãe de misericórdia? Em favor de quem derramará suas piedades senão em benefício de seus fiéis servos e de seus verdadeiros devotos? Não creias que sejam indiferentes esses afetuosos movimentos de ternura e de devoção que sentes para com a Santíssima Virgem; é uma graça especial que faz Deus aos que prevê que algum dia o hão de gozar na glória, inspirando-lhes amor e confiança naquela Senhora por cujo meio hão de conseguir a graça de merecê-la.

Segundo ponto

Considera que desde os apóstolos até cá não houve santo que não tenha professado esta terna devoção à Mãe de Deus. São Bernardino de Sena, expondo aquelas palavras que disse Cristo a São João desde a cruz: «Eis aí tua Mãe»; e à Santíssima Virgem: «Eis aí teu filho», diz que São João representava então todos os escolhidos, e a Virgem toda a Igreja. Santo Agostinho é de opinião que, quando Davi faz a Deus aquela oração: *Salvum fac filium ancillæ tuæ*: «Salva, Senhor, o filho de tua serva», mostra nela a dita que gozam os filhos de Maria; e, quando acrescenta em outra parte: «Eu sou teu servo e sou filho de tua serva»: *Ego servus tuus, et filius ancillæ tuæ*, é como se dissesse: neste só título fundo minha esperança de que me haveis de outorgar a graça da salvação. Penhor seguro dela chama São João Damasceno à Santíssima Virgem. «Professar-vos, ó bem-aventurada Virgem (exclama o santo), uma singular devoção é o mesmo que ter aquelas armas defensivas que Deus põe nas mãos dos que quer salvar. Sim, por certo (continua o mesmo santo), eu me salvarei, contanto que ponha em vós minha confiança.» «Toda a esperança, toda a graça e toda a salvação a que aspiramos, diz São Bernardo, estejamos persuadidos de que se nos concederá por intercessão de Maria.» «Em suas mãos estão todos os tesouros das misericórdias do Senhor», diz São Pedro Damião; pois que motivos não têm para confiar todos os que são seus favorecidos e a amam? Isto moveu São Germano e outros santos padres a dizer que não parecia possível que perecesse para sempre um verdadeiro devoto da Virgem; ou há de deixar sua devoção, ou se há de converter. Assegura São Paulo que todos os predestinados hão de ser semelhantes a Cristo; e, por conseguinte, filhos adotivos de Maria, como o Salvador o foi por natureza. Estimou tanto Cristo esta qualidade que as mais das vezes só se chamava a si mesmo o Filho do Homem, isto é, o filho de Maria. Com efeito, infere Santo Ambrósio, se o Salvador se dignou chamar-se irmão dos crentes, logo é muita verdade que Maria é mãe dos verdadeiros fiéis: *Si Christus credentium est frater, cur non ipsa quæ genuit Christum, credentium est mater?* Pois poder-se-á crer que esta mãe da verdadeira caridade deixe perecer algum de seus filhos? Assim, pois, que mostra mais visível de predestinação que professar um terno amor a esta divina Mãe? Por isso nunca se viu cristão algum que tenha perseverado constante nesta verdadeira devoção que não tenha morrido com muitos sinais de predestinado. Ao contrário, que herege houve jamais que não tivesse dentro de seu coração certo despego, e até aversão, à Santíssima Virgem? Arianos, nestorianos, eutiquianos, pelagianos, calvinistas, luteranos; todos os que nestes últimos tempos se separaram da Igreja; todos os que seguem opiniões contrárias à fé; todos são declarados inimigos da devoção à Santíssima Virgem; todos zombam dos elogios que se lhe aplicam e dos cultos que se lhe tributam. Frieza mortal, aversão ímpia, indiferença fatal, presságio pouco duvidoso, sinal certo de eterna reprovação.

Dignai-vos, ó Mãe de misericórdia, de ser sempre minha querida mãe; pois eu protesto neste dia, em presença do céu e da terra, que quero ser eternamente vosso fiel servo e vosso devotíssimo filho. Não há título mais honroso nem mais estimável para mim. Sim, Virgem santa, toda a minha vida farei profissão de estar dedicado a teu serviço, de levar tua libré, de ser contado no número de teus devotos. Alcançai-me a graça de que a cada dia te ame mais e mais.

Jaculatórias

> *Monstra te esse matrem.* Hino da Igreja.

Mostrai-vos sempre, Senhora, amorosa mãe minha.

> *Maria, mater gratiæ, mater misericordiæ, tu nos ab hoste protege, et hora mortis suscipe.* Hino da Igreja.

Maria, mãe de graça, mãe de misericórdia, livrai-nos do inimigo e, à hora da morte, recebei-nos em vossos braços.

Propósitos

1. Depois que os maiores homens de nossa religião esgotaram todo o seu cabedal em celebrar as grandezas de Maria; depois que perderam a esperança de encontrar palavras proporcionadas para explicar a sublimidade de seu estado; depois que um Santo Agostinho, em nome de todos, confessou sua insuficiência e altamente protestou que lhe faltavam expressões para tributar à Mãe de Deus os devidos louvores: *Quibus te laudibus efferam nescio*; ainda se acham espíritos tão arrogantes e corações tão ímpios que desaprovam e censuram o zelo que anima os verdadeiros fiéis para exaltar incessantemente aquela a quem jamais se pode louvar tanto como merece. Quem não crerá que esta falsa delicadeza é um sinal de reprovação? Quanto a ti, pratica todo o contrário. Dedica-te inteiramente ao serviço da Santíssima Virgem e faze cristã vaidade de parecê-lo; em nenhuma coisa poderás agradar mais ao Filho que em fazer a corte a sua Mãe. Busca com ansiosa diligência todos os livros que promovem a devoção à Santíssima Virgem; inspira-a tu mesmo a todos os teus dependentes e a quantos estão a teu cargo; fala sempre da devoção a esta Senhora e fala em termos que mostrem estar teu coração embebido e penetrado dela. Este zelo, esta ânsia e este ardor é um grande sinal de predestinação.

2. A multidão de festas instituídas em honra da Santíssima Virgem; o infinito número de templos e de altares dedicados a Deus sob seu nome; tantas devoções admitidas e aprovadas pela Igreja para conservar e para fomentar nosso filial amor à Mãe de Deus; tudo isto deve despertar e deve avivar nosso fervor e nosso zelo. Se tens em tua casa alguma capela ou oratório, dedica-o à Virgem. Sejam suas imagens o adorno de teu quarto e de tuas salas. Coloca alguma delas ou à cabeceira, ou à vista de tua cama. É devoção santa e proveitosa saudar a Santíssima Virgem sempre que se vê alguma imagem sua. Todas as suas festas as hás de celebrar com singular devoção; e esta devoção a hás de fazer mais solene por meio de alguma esmola. O sábado é aquele dia da semana que a Igreja consagra singularmente ao culto desta Senhora; solemniza-o tu

também com alguma devoção particular. Entre os verdadeiros devotos da Virgem são poucos os que não jejuam aos sábados, à imitação dos santos, ou que não vão ouvir missa ou fazer oração na igreja onde é particularmente venerada. A perseverança nestes piedosos exercícios é sinal de predestinação.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:32 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:33 by Admin